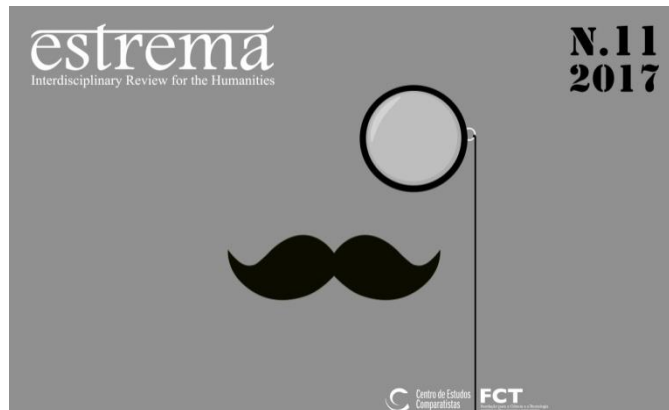


estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades
Interdisciplinary Review for the Humanities

Para citar esta recensão / To cite this review:

Clariano, Tiago. 2017. "Recensão de *The Powers of Philology – Dynamics of Textual Scholarship*, de Hans Ulrich Gumbrecht".
estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades 11: 136-143.



Centro de Estudos Comparatistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centre for Comparative Studies

School for the Arts and the Humanities/ University of Lisbon

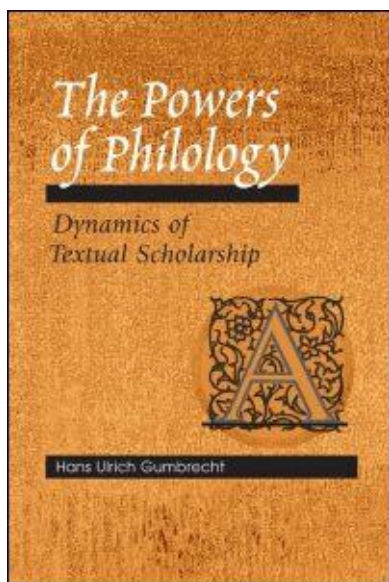
<http://www.estrema-cec.com>

BOOKREVIEW

Gumbrecht, Hans Ulrich, *The Powers of Philology – Dynamics of Textual Scholarship*, Illinois, University of Illinois Press, Dezembro, 2017, 95 pp., ISBN 0-252-02830-9, £26.61 Hardback.

Acknowledgments. What Are the Powers of Philology? 1. Identifying Fragments. 2. Editing Texts. 3. Writing Commentaries. 4. Historicizing Things. 5. Teaching. Index.

Tiago Clariano¹



O livro *The Powers of Philology* foi escrito numa época em que a academia é assolada por uma febre vocabular pendurada na prolixidade de usos, métodos ou projecções de “interpretação”. Por ser a disciplina que estuda a fixação, a mediação e a organização (para não dizer curadoria) de textos antigos com vista a entregá-los a

novas gerações, a filologia é o objecto de estudo desta obra.

Hans Ulrich Gumbrecht inicia por uma análise de um excerto de Walter Benjamin que versa sobre a paisagem de umas ruínas de um castelo sobre as quais passam nuvens e a respeito da qual Walter Benjamin atribui duas percepções da passagem do tempo. Uma passagem de ritmo lento que

¹ Leitor de português na Université Hassan 1er, em Settat, Marrocos. Concluiu um ano da licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa em 2012. Em 2015 concluiu a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas na vertente de Literaturas e Artes, na Universidade de Évora. Encontra-se à espera da defesa da sua tese acerca das dificuldades editoriais da obra de Camilo Pessanha, para o Programa em Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

é a das ruínas e outra de ritmo rápido que corresponde às nuvens. Gumbrecht mostra dificuldades com o argumento de que as ruínas do castelo atestem uma passagem do tempo lenta porque se referir a um fenómeno de muito difícil apreensão, que se fundamenta em esperar por um novo arruinar da já arruinada ruína. Por outro lado, as nuvens, por passarem constantemente e desenharem no céu as formas que aleatoriamente tomam, são um melhor argumento em favor da percepção empírica da passagem do tempo.

A imagem das ruínas sobre as quais passam as nuvens é a metáfora-motor deste livro acerca de filologia. Como se sabe, umas ruínas devem sê-lo de alguma coisa, evidenciam ou indiciam a existência de um todo do qual fizeram parte e agora são fragmentos dispersos e desconexos desse todo inicial. Por perfeição da metáfora, sabemos que o trabalho filológico deve contribuir de certo modo para três fenómenos: a análise da ruína, a reconstituição imaginária do todo de que este fragmento é ruína e a atenuação dos efeitos da passagem do tempo sobre as ruínas. Logicamente, e por se tratar de uma metáfora, é necessário fazer algumas reservas a respeito de cada um destes pontos.

Diluindo a primeira metáfora, a análise da ruína corresponde à análise de fragmentos textuais, para a qual há que ter em conta a diferença entre o texto conforme concebido e intencionado originariamente e a forma como ele nos chega, na qual, as diferenças, podem ter diferentes origens. O mesmo para a ruína: é o pedaço despedaçado e envelhecido de uma obra maior que não teve o propósito de ser uma ruína deixada aos tempos porvir.

Seguindo um curso natural, um manuscrito esquecido pode adquirir o estatuto de fragmento se as condições físicas que o circundam propiciarem marcas ou fissuras e estas causarem dificuldades interpretativas. Pode também acontecer que o trabalho filológico em torno desse texto tenha sido desonesto, contribuindo para censuras ou puras alterações do sentido semântico ou inteiramente morfológico.

Fala-se de uma reconstituição imaginária do todo quando a história e as teorias estéticas que circundam um texto não são suficientes para reconstituir o objecto conforme originalmente intencionado. Para o fazer é necessário suplementar informação, como quando se passa da leitura de um relógio analógico para a leitura de um digital: daquele não podemos saber com precisão os minutos e os segundos que este apresenta. É necessário preencher as lacunas entre fragmentos por via de um sóbrio uso do livre jogo da imaginação. Digo livre jogo da imaginação porque Gumbrecht defende rapidamente a possibilidade aleatória associada à imaginação ao invocar o ensaio “L’Imaginaire” de Jean-Paul Sartre, onde é referida como característica da imaginação a “spontanéité”, que impossibilita o pleno controlo do uso da imaginação.

Apesar de recorrer à imaginação para procurar reconstituir um trabalho que surgiu (ou deve ter surgido) na imaginação a filologia não perde o seu rigor académico e deve desligar-se de preconceitos e mitologias confabulados em torno dos seus objectos de estudo. A filologia deve ser movida a prudência e intuição crítica, pois, como diz o autor: “Acknowledging the powers of philology within – and in spite of – the context of this academic tradition is like enjoying something disrupting and

Recensão de *The Powers of Philology – Dynamics of Textual Scholarship*,
de Hans Ulrich Gumbrecht

fascinating, a beautiful and intellectually challenging fireworks display of *special effects*” (8). E o fogo de artifício pode ser belo e entusiasmante, mas o rasto que deixa é um cartucho chamuscado e inútil.

Finalmente, a atenuação dos efeitos da passagem das nuvens sobre as ruínas do castelo é alcançada por três vias: a escrita de comentários, a historização do texto e o seu ensino.

O filólogo deve escrever comentários pertinentes a respeito do texto que estuda. Mas as dificuldades sentidas a respeito da escrita de comentários prendem-se com diferentes acepções semântico-pragmáticas (e talvez estéticas) do que é interpretação e do que é comentário. A metodologia da interpretação parece hoje substituída: já não se refere à demanda e apresentação do sentido sensível de um texto e configura-se, agora, como uma espécie de *action-painting* de sentidos tentativos que mancham e renovam o objecto. Talvez esta tendência interpretativa se prenda com a velha história do professor de literatura que pergunta porque é que as cortinas são azuis, a respeito de um romance, e os alunos atiram as mais mirabolantes interpretações do profundo azul do oceano à calma depois da tempestade mental que evidencia sensatez, quando, no caixão um autor dá voltas e pensa “são azuis porque foi o que me lembrei, é um romance, nem rima com nada do que vem antes ou depois”. Por outro lado, existe uma dificuldade intrínseca à própria noção de comentário e que se prende com esta bicefalia da interpretação. É a dificuldade de decidir quando o comentário fornece informação suficiente para suplementar a lacuna entre o texto no momento histórico da sua produção e o leitor no momento histórico da interpretação.

Por vezes, o trabalho da filologia tem contornos mecânicos para a fixação do texto: tende a optar-se pela última versão evidente no manuscrito do autor. Se o autor risca algo do texto principal e é acrescentada por cima uma variante, é essa última que é eleita como “intencional”, sem qualquer dúvida ou ressentimento para versões possivelmente mais apazíveis. Aqui entra o emprego das ferramentas da imaginação e do gosto do filólogo, porque o trabalho filológico não deve ser apenas informado, mas também crítico.

Para além de interpretar e comentar de modo a fazer entender o texto, é também tarefa do filólogo organizar a apresentação do texto e historiá-lo.

Para Hans-Ulrich Gumbrecht, o problema da historização surge de uma discordância para com a ideia kantiana da autonomia da obra de arte, que pressupõe o deslocamento da obra de arte de tempo e espaço sem que seja arriscado o seu poder semântico-estético. A faceta histórica da filologia é, assim, posta em analogia com a moderna actividade da curadoria de arte que é recorrentemente pensada como um pôr-em-cena do pós-vida dos objectos que naquele novo sítio não têm utilidade ou função, para além de aparência, como fotografias nas campas de um cemitério. A filologia brinca com textos que preferencialmente estejam reservados como órgãos preservados em soro fisiológico para que nem os seus tecidos nem as suas funções gangrenem.

Escolhem-se passagens que identificam o texto a uma tradição que o enquadra por via de analogias com pontos comuns com os objectivos postulados em manifestos estéticos (autênticos “modes of fashion” ou

modos da moda, conforme descritos e censurados na conclusão de *The Renaissance* de Walter Pater em 1893). Mesmo propor uma correcção (gramatical ou semântica) a um texto que não tem variantes-irmãs implica a escolha de uma entre várias formas gramaticalmente correctas que se possam inserir no mesmo eixo paradigmático (nos modos de Ferdinand de Saussure, eixo paradigmático corresponde a palavras que possam substituir outras e formar frases estruturalmente idênticas, mas de sentido distinto). Por se tratar de um exercício que, de um ou outro modo, vai constituir um acrescento semântico, uma via semântica alternativa ou até um juízo estético, há que ter em conta a intervenção do gosto e da faculdade crítica do filólogo editor.

É resultado da filologia o emprego dos textos em contexto pedagógico. Neste contexto, há que criticar os acrescentos semânticos que são imputados aos textos por via de um debate desorientado nas salas de aula. Gumbrecht é altamente crítico do uso de um vocabulário que é partilhado dentro e fora da academia e se torna autocomplacentemente indicativo de que se trata de um discurso propriamente académico. O autor assimila o uso deste vocabulário ao profundo pessimismo das humanidades na era da sociedade tecnocrática. A incapacidade de transformar o passado e a reputação num “fardo escuro e invisível”, nos modos de Nietzsche, faz crer às humanidades que estão num nível inferior, por falta de concretização empírica, aparente ou visível de um ponto de vista cosmopolita, do seu objecto de estudo, ao passo que os campos são povoados por debulhadoras automáticas. Sabe-se, e concorda Gumbrecht, que a sociedade contemporânea podia sobreviver sem o trabalho das humanidades e os

Recensão de *The Powers of Philology – Dynamics of Textual Scholarship*,
de Hans Ulrich Gumbrecht

sacrifícios financeiros que o tornam possível, mas esta é uma visão profundamente triste e pouco progressista. Terminado o papel das ciências e tecnologias, concretizada a utopia tecnocrata, substituindo os trabalhos pesados pela manutenção robótica, sobra apenas espaço para a investigação, o aperfeiçoamento da tecnologia, o pensamento das humanidades e a produção artística: as humanidades estão à frente do seu tempo, como nunca deixou de acontecer com a alma da poesia, que consistente e coerentemente criticou e propôs soluções aos seus tempos.

Pela sua pertinência no contexto acadêmico, pelas chaves de leitura que oferece para a filologia, uma disciplina obscurecida e pouco questionada, pelas propostas feitas com vista ao progresso não só da disciplina, mas contextualizadas na guerra de tronos jogada entre as tecnologias e as humanidades, *The Powers of Philology* é um fundamental contributo para o melhoramento de um discurso acerca do mundo.

Hans Ulrich Gumbrecht é um teórico literário cuja obra é transversal a vários ramos pertinentes para o estudo da literatura (desde a filologia à história da cultura). É professor na University of Stanford nos departamentos de Literatura Comparada, Francês e Italiano. Recentemente leccionou um seminário no Programa em Teoria da Literatura acerca de Friedrich Hölderlin.